

# Escrita da História

Uma miríade de questões atravessa o debate a respeito da produção do conhecimento histórico e do ofício do historiador, debate este tão revigorado nos últimos tempos. No limiar do século XXI nos é possível conceber a história como fruto de um pensamento reflexivo e o passado, matéria prima desse ofício, como algo passível de elaboração e ressignificação por parte do historiador. Estão no bojo de discussões historiográficas as fronteiras tênues entre história e ficção e, sobretudo, um redimensionamento de fundamentos de método que poderiam assegurar (equivocadamente) o nexos entre história e verdade. Uma visão nuançada entre real, ficção, narrativa e história vai diametralmente em contraposição à preceitos tais como aqueles defendidos por L. Von Ranke, considerado “o pai da história moderna”, para quem ao historiador caberia narrar os fatos *tais como aconteceram*, frequentando longamente os arquivos para que pudesse *buscar e verificar* as leis da história<sup>1</sup>.

Partindo do pressuposto que não existe um mundo real, considerando que nenhum relato é isento, é mister preservar um discernimento de que na historiografia estamos, sobretudo, diante de convenções narrativas. Para tal, contamos com conceitos que contribuem decisivamente para uma reflexão metodológica acerca do posicionamento do historiador diante de seu (s) objeto (s). Ao longo do século passado o estatuto do historiador foi paulatinamente reavaliado, já nos anos 1930 Robin C. Collingwood sinalizava uma alteração necessária no procedimento historiográfico, então em voga: “Portanto, em vez de ser a coleta ou a contemplação de fatos brutos ainda não interpretados, o começo da pesquisa histórica consiste em formular uma questão”<sup>2</sup>.

Como observou Paul Ricoeur<sup>3</sup>, a operação historiográfica abrangeria três “fases” indissociáveis: a fase documental, que vai da definição das testemunhas à composição dos arquivos, qualquer que seja seu formato e materialidade; a fase da explicação e da compreensão; e, finalmente, a fase da representação, na qual o conhecimento histórico é apresentado ao leitor e mais genericamente à sociedade por meio da linguagem, quer assuma a forma literária ou não. Para o autor, este seria o momento em que se manifesta plenamente a “intenção historiadora”, qual seja representar o passado atribuindo-lhe um sentido, conformando-se por essa

<sup>1</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). *Leopold Von Ranke: história*. São Paulo: Ática, 1979.

<sup>2</sup> COLLINGWOOD, R. C. *The philosophy of History*. *Historical Association Leaflet*, Londres, n. 70, 1930 apud PROST, A. *Doze lições sobre História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.79.

<sup>3</sup> RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Unicamp, 2007, p. 145-147.



via, em dissonância à memória, o objetivo cognitivo e prático da História, disciplina científica.

No momento atual, cada uma dessas “fases” encontra-se em profundo processo de problematização. Indaga-se sobre os critérios que justificaram e autenticaram a produção de testemunhas, boa parte das quais herdamos e aprendemos a conservar e celebrar, em razão de estarem reunidas em bibliotecas, museus e arquivos, instituições de ciência que pautaram e foram pautadas por políticas culturais dos mais díspares matizes desde o século XIX. Por quais percursos, entretanto, historiadores e demais profissionais de cultura, nos dias de hoje, constroem testemunhos e os estudam? Haveria maior possibilidade atualmente, frente à revolução tecnológica e digital, de se estabelecer um distanciamento crítico entre o historiador e suas fontes? Ou, ao contrário, é o engajamento político que acaba por definir a seleção de temas e testemunhos a serem privilegiados? Nesse sentido, quais redes de segurança seriam acionadas para garantir que a compreensão e a explicação de episódios, fenômenos e movimentos estariam ancoradas em referências existenciais e não em projetos forjados pelo sempre poderoso “sujeito do conhecimento”?

Talvez, porém, um dos pontos centrais que contribuiu para a ampliação e densidade do debate historiográfico atual resida no reconhecimento de que, em equivalência ao registro escrito, é possível eleger inúmeros outros registros para municiar o trabalho do historiador e que, simultaneamente, também o pesquisador da história e da cultura pode recorrer a formas de escrita e de discurso que não a da palavra escrita. A “intenção historiadora”, como denominou Ricouer, pode se manifestar por intermédio de representações gráficas, artísticas, visuais e em movimento, extrapolando o texto escrito, a linguagem literária, o que pode facilitar enormemente a irradiação dos estudos históricos para a sociedade brasileira em geral.

O presente dossiê propõe como eixo reflexivo repensar possibilidades de escrita da história e, conseqüentemente, problematizar formas, intenções narrativas e potenciais representativos, ressaltando assim a força evocativa do suporte visual, o posicionando como elemento constituinte da linguagem, extrapolando, portanto, uma função meramente ilustrativa, e redimensionando o poder da imagem como expressão *em si*. Os artigos aqui reunidos inscrevem-se nesse horizonte e são resultantes de pesquisas inovadoras tanto nos temas quanto na forma, recolha e análise de fontes.

Ana Carolina de Moura Delfim Maciel<sup>4</sup>  
Cecília Helena Salles Oliveira<sup>5</sup>

(organizadoras)

<sup>4</sup> Pesquisadora do Centro de Memória - Unicamp (CMU), onde coordena o Laboratório de História Oral e Audiovisual (LHOA). É também coordenadora da Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa da Unicamp (Cocen/Unicamp), pesquisadora associada do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (Labhoi/UFF), e presidenta da Associação Brasileira de História Oral (biênio 2016-2018). Atua como documentarista, tendo dirigido diversas curtas e média metragens.

<sup>5</sup> Professora titular do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, atua nos programas de Pós-Graduação em História Social e Museologia da mesma Universidade. Tem como principais áreas de investigação: história política, história do Império, história dos museus de história, nexos entre história, memória, política e museus.